

Mundo do trabalho: três anos de perdas e retrocessos para as mulheres

Marilane Oliveira Teixeira¹

A crise alterou a condição de vida da maioria da população brasileira promovendo grande retrocesso econômico e social. Entre os anos de 2015 e 2016 o PIB registrou queda de 7,5%² com forte impacto nos indicadores de mercado de trabalho, no primeiro trimestre de 2017, conforme dados da PNAD contínua, a desocupação no Brasil atingiu recorde com 14,1 milhões de pessoas sem emprego. Deste total as mulheres representavam 50,6% e as mulheres negras, 63,2%.

Esses últimos três anos contrastam com o ciclo de prosperidade econômica que se estendeu de 2003 a 2014 e foi acompanhado de uma importante dinamização do mercado de trabalho, com efeitos positivos sobre os estratos mais pobres da população e os assalariados em geral. Dentre os diferentes avanços dessa etapa de crescimento econômico com inclusão social, o aumento do emprego formal, ao lado da elevação dos salários reais e a redução da pobreza estão entre as mais importantes conquistas do período.

Com a crise mais mulheres saíram em busca de emprego

Entre 2014 e 2017 (4º Trimestre), ingressaram na PEA – População Economicamente Ativa em torno de 3,151 milhões de mulheres e 95% eram negras³. Um dos efeitos da crise é ampliar a PEA sem, contudo, incorporá-la no mercado de trabalho pela ausência de oportunidades de trabalho. A maior parte destas mulheres se tornaram desempregadas uma vez que entre o 4ºT de 2014 e o 4ºT de 2017, em três anos, o saldo foi de apenas 270.897 postos de trabalho e foram as mulheres negras responsáveis por este resultado: (+1.075.674) postos de trabalho criados entre as mulheres negras e queda de (-804.777) entre as mulheres brancas, resultando nesse saldo indicado acima. Ou seja, entre 2014 e 2017 ingressaram 3,151 milhões de mulheres no mercado de trabalho e apenas 270.897 encontraram ocupação. As demais mulheres que não encontraram ocupação se somaram as que já se encontravam desempregadas, elevando as taxas de desemprego.

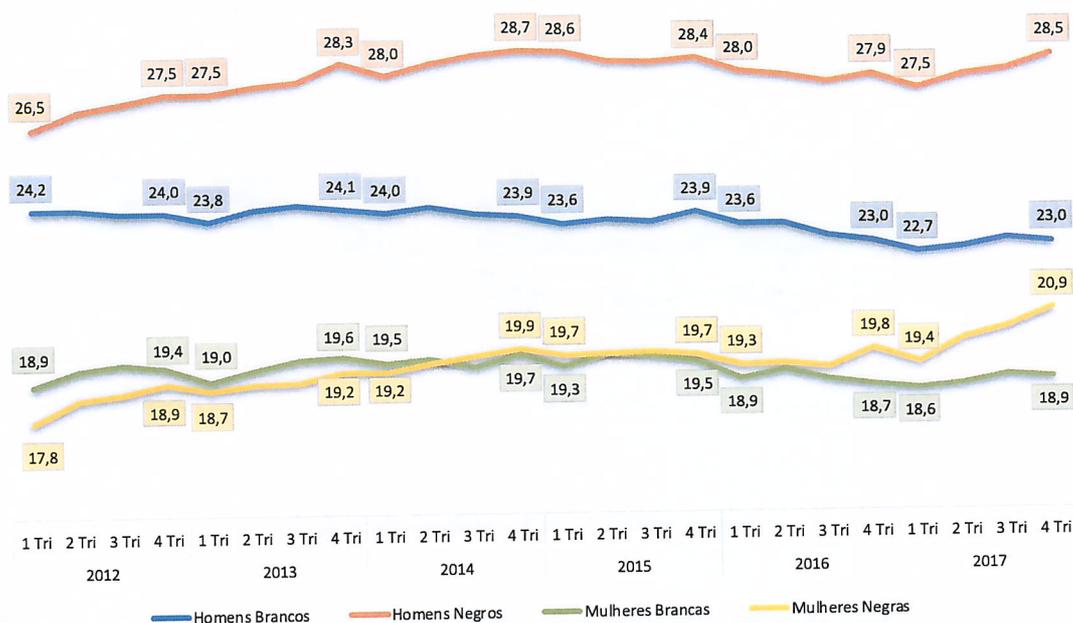
A partir de 2013 também ocorreu uma alteração significativa na composição da PEA feminina, as mulheres negras passaram a ser maioria e a diferença foi se intensificando até 2017. Em 2012 as mulheres brancas representavam 50,4% da PEA e vem reduzindo a sua participação desde então: 48,9% no quarto trimestre de 2014 para 45,9% para o mesmo período de 2017, enquanto as negras elevaram para 51,1% em 2014 e 54,1% no 4ºT de 2017. Essa alteração na composição da PEA também ocorreu com os homens negros em relação aos brancos. Os dados demonstram que o crescimento da PEA ocorreu entre a população negra, enquanto a população branca apresentou queda ou estancamento. (Gráfico 1).

¹ Economista, pesquisadora e assessora sindical na área de relações de trabalho e gênero.

² Para 2017 as projeções indicam que o crescimento não ultrapassará 1%.

³ Neste texto, segue-se o padrão das análises realizadas pelo IBGE, utilizando-se a classificação negros/as, resultante da somatória de dados referentes a pretos e pardos.

Gráfico 2 - População Ocupada de 14 anos ou mais de idade, por Sexo e Raça - Brasil (Em Milhões)



Fonte: PNADC – IBGE – elaboração própria

Taxa de desocupação contínua superior entre as mulheres

As taxas de desocupação também seguem mais desfavoráveis às mulheres. Entre os anos de 2012 e 2017, o menor percentual de mulheres desempregadas foi registrado em 2014 com a taxa de 6,2% para as mulheres brancas e 9,2% para as mulheres negras, mesmo assim superior as taxas masculinas (Gráfico 3). No 1ºT de 2017 a taxa alcançou seu maior percentual quando evoluiu para 12,4% para as mulheres brancas e 18,9% para as mulheres negras. Entre 2014 e 2017 (4ºT) o desemprego entre as mulheres brancas cresceu 73% e entre as mulheres negras praticamente dobrou, 96%.

O desemprego no Brasil tem cor/raça e sexo. Dos 12,2 milhões de desempregados no último trimestre de 2017, praticamente dois terços, ou seja, 64% eram negros (homens e mulheres). Quando se compara entre os sexos, 50,6% são mulheres e entre as mulheres 64% são negras.

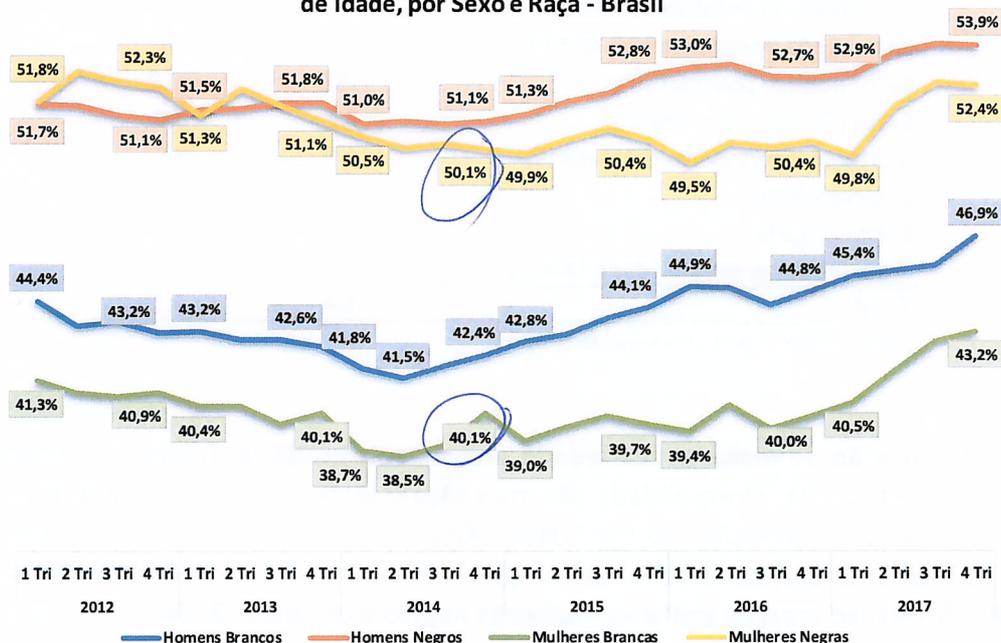
O impacto diferenciado em termos de cor e raça fica evidente quando se analisam os dados do 1ºT de 2012 e do 4ºT de 2017. O desemprego entre os homens brancos evoluiu de 5,2% para 8,5%; as mulheres brancas de 8,4% para 10,6%; os homens negros de 7,1% para 12,1% e as mulheres negras de 12,2% para 15,9%. O desemprego entre as mulheres negras é quase o dobro dos homens brancos. Dos 12,2 milhões de desempregados no 4ºT de 2017, 2,126 milhões são de homens brancos; 3,910 milhões de homens negros; 2,249 milhões de mulheres brancas e 3,947 milhões de mulheres negras.

A informalidade é maior entre as mulheres

A informalidade⁴ se manteve em todo o período para ambos os sexos. A elevação ocorreu justamente no ano de 2017 em que o emprego dá sinais de leve recuperação, colaborando com a tese de que o emprego que está sendo gerado neste ano é essencialmente informal. O trabalho informal cresceu entre os mais jovens e as pessoas acima de 60 anos, com grau de instrução fundamental e nos setores da construção civil, serviços e indústria.

Na comparação entre o 4ºT de 2014 e 2017, o trabalho formal entre os homens brancos caiu (-11,9%) e o informal cresceu (+5,7%); entre os homens negros o formal caiu (-7,1%) e o informal cresceu (+3,9%). Entre as mulheres brancas o trabalho formal caiu (-9,7%) e o emprego informal cresceu de forma menos intensa do que para os demais (+2,8%); já entre as mulheres negras o emprego formal cresceu levemente (+0,1%), entretanto, o emprego informal foi o que mais cresceu (+9,9%). Em três anos (2014 -2017) foram gerados 88.344 postos de trabalho para as mulheres, excluindo desse dado as empregadoras, entretanto, a informalidade cresceu; foram (+1.182.097) mil de postos de trabalho informais e o emprego formal caiu (-1.093.753), isso significa que ocorreu um deslocamento do trabalho formal para o informal nestes três anos de forma bastante significativa. Do total de empregos informais criados, 82% foram ocupados por mulheres negras. (Gráfico 5).

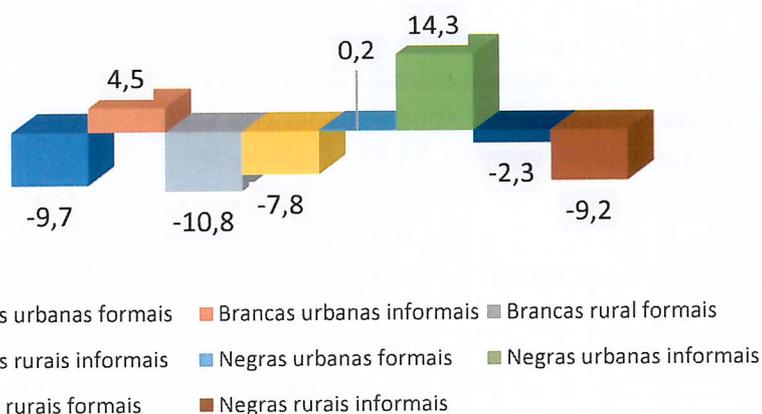
Gráfico 5 - Taxa de Informalidade das pessoas ocupadas de 14 anos ou mais de idade, por Sexo e Raça - Brasil



Fonte: PNADC – IBGE – elaboração própria

⁴ Os informais são: empregados sem carteira, trabalhadores domésticos sem carteira, trabalhadores por conta própria e trabalhadores familiares auxiliares.

Gráfico 6 - Variação entre 4ºT de 2014 e 2017, por posição na ocupação e situação do domicílio de mulheres ocupadas com 14 anos ou mais de idade, por raça/cor - Brasil



Fonte: PNADC – IBGE – elaboração própria

Entre as mulheres de cor branca e domicílio urbano cresceu o trabalho doméstico sem carteira, 3,8%; empregadoras, 10,6% e por conta própria, 9,8%. Entre as mulheres brancas e de domicílio rural, cresceu o trabalho por conta própria, 12,3% e empregadoras, 28,6%. Entre as mulheres negras urbanas o que mais se destaca é o crescimento o emprego sem registro, 5,4%; o trabalho doméstico sem carteira, 11,1% e emprego no setor público sem carteira, 15,2%, empregadoras, 30,1% e por conta própria, 22,7%. Já as mulheres negras e de domicílio rural se destaca o emprego doméstico sem carteira, 16,3% e as empregadoras, 35,2%.

Tabela 2

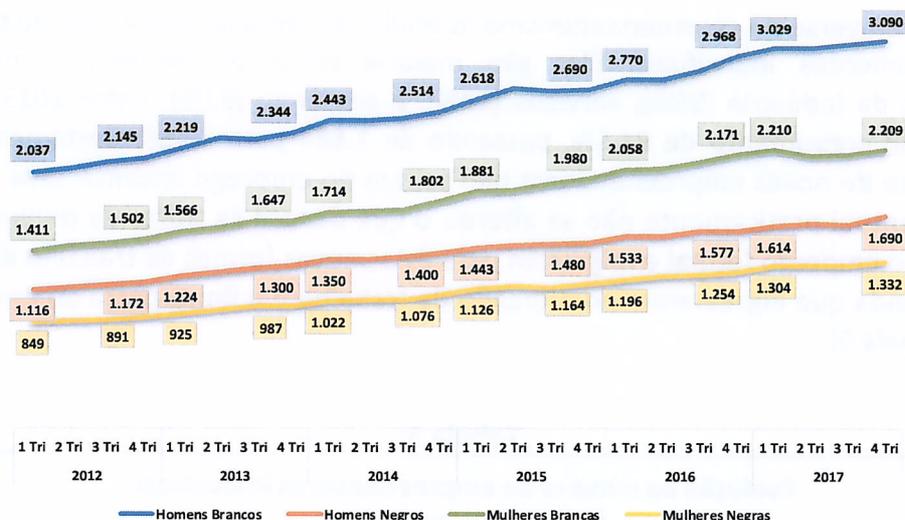
Variação das mulheres ocupadas, por posição na ocupação e situação do domicílio com 14 anos ou mais de idade, por cor/raça - Brasil (%)

| | 4º trimestre de 2014 e 2017 | | | |
|---|-----------------------------|--------------|--------------|-------------|
| | Urbana Branca | Rural Branca | Urbana Negra | Rural Negra |
| Empregado no setor privado com carteira | -11,1 | -16,4 | -0,1 | -9,6 |
| Empregado no setor privado sem carteira | -0,5 | -7,9 | 5,4 | -3,5 |
| Trabalhador doméstico com carteira | -6,9 | 2,1 | -0,9 | -6,0 |
| Trabalhador doméstico sem carteira | 3,8 | -0,1 | 11,1 | 16,5 |
| Empregado no setor público com carteira | -20,4 | -28,6 | -12,2 | -31,5 |
| Empregado no setor público sem carteira | -2,6 | -6,2 | 15,2 | -16,3 |
| Militar e servidor estatutário | -3,9 | 0,7 | 3,8 | 12,3 |
| Empregador | 10,6 | 28,6 | 30,1 | 35,2 |
| Conta-própria | 9,8 | 12,3 | 22,7 | -7,4 |
| Trabalhador familiar auxiliar | -8,1 | -25,4 | 4,3 | -25,0 |

Fonte: PNADC -IBGE. Elaboração própria.

O setor de serviços foi a atividade econômica que mais gerou postos de trabalho entre 2014 e 2017 (4ºT), exceto para as mulheres brancas, cujo emprego caiu. O segmento é responsável pela geração de 1,186 mil de postos de trabalho entre as mulheres negras. Os segmentos que mais contribuíram para esse resultado foram: alojamento e alimentação; outros serviços, serviços domésticos e educação, saúde humana e serviços sociais.

Gráfico 7 - Média do Rendimento Mensal Habitual do Trabalho Principal por Sexo e Raça - Brasil (Em Reais)



Os rendimentos medidos em salário mínimos entre os dois períodos analisados (2014-2017) indicam a concentração das pessoas ocupadas nas faixas até dois salários mínimos; 46,4% das mulheres negras recebiam 1 salário mínimo em 2014 e praticamente mantiveram o mesmo percentual (46,8%) para 2017, ampliando na faixa de até ½ salário mínimo. Da mesma forma se sucede com as mulheres brancas, de 25,4% para 26,1%, ampliando a primeira faixa. Com os homens ocorreu o mesmo fenômeno com ampliação para a faixa de até ½ salário mínimo. Entre 2014 e 2017 (4ºT), a faixa que corresponde até ½ SM cresceu 20,0% para as mulheres negras; 5,3% para as mulheres brancas; 20,4% para os homens negros e 5,5% para os homens brancos. (Tabela 4). No último trimestre de 2017 havia 9.197.157 milhões de pessoas ocupadas recebendo até ½ salário mínimo e deste total 53,0% eram mulheres e as mulheres negras correspondem a 38% do total.

Tabela 4

| Faixa de salário mínimo | 2014 | 2017 | 2014 | 2017 | 2014 | 2017 | 2014 | 2017 |
|-------------------------|-----------------|------------------|---------------|----------------|-----------------|------------------|---------------|----------------|
| | Mulheres negras | Mulheres Brancas | Homens negros | Homens brancos | Mulheres negras | Mulheres Brancas | Homens negros | Homens brancos |
| Até 1/2 SM | 15,3 | 17,3 | 7,2 | 7,9 | 9,7 | 11,6 | 4,3 | 4,7 |
| De 1/2 a 1 SM | 31,1 | 29,5 | 18,2 | 18,1 | 23,2 | 22,9 | 11,1 | 12,6 |
| De 1 a 2 SM | 36,5 | 36,9 | 39,1 | 39,1 | 38,1 | 40,1 | 31,9 | 35,4 |
| Mais de 2 a 3 sm | 9,4 | 8,2 | 15,5 | 14,3 | 16,3 | 13,3 | 22,4 | 18,2 |
| Mais de 3 a 5 sm | 4,7 | 5,2 | 10,1 | 10,7 | 7,7 | 7,4 | 14,3 | 14,1 |
| Mais de 5 a 10 sm | 2,4 | 2,1 | 7,1 | 6,9 | 3,8 | 3,3 | 10,2 | 9,1 |
| Mais de 10 a 20 sm | 0,4 | 0,6 | 2,0 | 2,4 | 0,9 | 1,0 | 4,0 | 4,3 |
| Acima de 20 sm | 0,1 | 0,1 | 9,8 | 0,5 | 0,3 | 0,3 | 1,9 | 1,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: PNAD Contínua - Elaboração Própria

Tabela 6

| Crescimento das atividades mais frequentes entre os MEI, do sexo feminino, entre 2013 e 2016 | | | | |
|---|--------------|-------------|-------------|------------|
| Atividade | Setor | 2016 | 2013 | (%) |
| Comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios | Comércio | 540.315 | 322.503 | 67,5 |
| Cabelereiros | Serviços | 422.868 | 208.757 | 102,5 |
| Outras atividades de tratamento de beleza | Serviços | 154.262 | 102.056 | 51,2 |
| Fornecimento de alimentos preparados preponderantemente para consumo familiar | Indústria | 123.662 | 58.484 | 111,4 |
| Lanchonetes, casas de chá, sucos e similares | Serviços | 117.166 | 63.938 | 83,2 |
| Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal | Comércio | 106.055 | 54.541 | 94,5 |
| Comércio varejista de mercadorias em geral | Comércio | 78.465 | 46.645 | 68,2 |
| Confeção sob medida de peças de vestuário, exceto roupas íntimas | Indústria | 76.522 | 49.920 | 53,3 |
| Confeção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas e as confeccionadas sob medida | Indústria | 72.383 | 38.089 | 90,0 |
| Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas | Serviços | 72.287 | 43.023 | 68,0 |

Fonte: Sebrae

Políticas públicas de Cuidados

A PNADC levantou o número de horas dedicadas aos cuidados de pessoas e aos afazeres domésticos conjuntamente, para mensurar a intensidade e as diferenças na sua realização. Em 2016, a média de horas dedicadas era de 16,7 horas por semana, com grandes diferenças entre mulheres e homens: 20,9 horas, em média, para as mulheres e 11,1 horas, em média, para os homens.

Em 2016, entre as pessoas que cuidavam de moradores, quase a metade era responsável por crianças de 0 a 5 anos de idade (49,6%) e de 6 a 14 anos (48,1%), mostrando a importância dos cuidados de crianças nos domicílios.

Recentemente o IBGE divulgou um suplemento sobre os cuidados de crianças com menos de 4 anos de idade com base nos dados da PNAD de 2015. Os resultados indicaram que das 10,3 milhões de crianças com menos de 4 anos de idade, 74,4% não eram matriculadas em creches ou escolas. Sendo que entre os responsáveis, as mulheres (83,8%) são ampla maioria e em torno de 45,0% estavam ocupadas. Dentre o universo que não estava matriculada, 61,8% dos responsáveis manifestaram interesse em fazê-lo. O interesse crescia entre os estratos de renda de até 1 salário mínimo e 43,2% indicou que havia tomado alguma providência nesse sentido.

A política de creches é um aspecto fundamental para a condição de inserção e permanência das mulheres no mercado de trabalho. O Plano Nacional de educação estabeleceu como Meta 1 universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 a 5 anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma atender, no mínimo, 50% das crianças de até 3 anos até o final da vigência do PNE (2024). Em 2013 a cobertura era de 23,2% dessas crianças, praticamente dobrou a oferta entre 2004 e 2013. Somente entre 2014 e 2015 foram ofertadas mais de 1 milhão de vagas. Entretanto, o orçamento para educação infantil sofreu uma forte redução de 2014 para 2017, passando de R\$ 1.901,966, para R\$ 332.374, representa 17% dos